

A CULTURA POPULAR E O TURISMO NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL (RCI)

Candice Soldatelli¹

Orientadora: Professora Doutora Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro

Resumo: A cultura popular da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI) é revestida de traços simbólicos que revelam a verdadeira identidade do descendente de imigrantes italianos. O cancionero popular da imigração italiana é um exemplo de bem cultural preservado pela tradição por mais de um século, praticamente intacto ao processo de aculturação. Nas pequenas propriedades rurais de municípios como São Marcos e Antônio Prado, localizados na Encosta Superior do Nordeste do RS, os turistas podem presenciar costumes e práticas culturais verdadeiramente ligadas às raízes trazidas da Itália durante o processo de imigração no final do século XIX. A cultura popular é o real depositário das tradições do imigrante italiano, em contraponto ao artificialismo das apresentações folclóricas que temos presenciado em cantinas e restaurantes de nossos municípios.

Palavras-chaves: Cultura Popular – Imigração Italiana – Identidade – Tradição - Turismo

A imigração italiana deixou profundas marcas na região sul do Brasil, mais precisamente no espaço geográfico denominado Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Alvim (1999:415) reconhece que durante o processo migratório para o Brasil, muitos imigrantes procuraram reconstruir "pequenas *Itálias*" no sul do Brasil, sendo que isto "é responsável, até hoje, pela organização social dos núcleos italianos ali reinantes, os quais obedecem a padrões similares aos trazidos na bagagem dos colonos que ali chegaram, há mais de um século." Os turistas que visitam a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI)

¹ Mestranda em Letras e Cultura Regional - Universidade de Caxias do Sul

certamente buscam aqui identificar as marcas de um povo que, partindo da Europa, atravessou o Atlântico em busca de oportunidades na América.

O turismo é uma atividade em que as pessoas se deslocam do seu domicílio cotidiano para lazer e descanso, e também para trocar experiências, entrar em contato com uma cultura diferente. Visto desse modo, todo turismo de certa forma é cultural, pois as pessoas buscam particularidades que não reconhecem em seu cotidiano. Na RCI encontram-se bens culturais concretos, como a arquitetura e a gastronomia, e bens culturais imateriais, como a literatura oral, os quais conferem à região esse aspecto particular, oriundo da cultura popular de imigração italiana, um dos principais atrativos turísticos de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Antônio Prado e arredores.

1. O cancionário popular como patrimônio cultural

O patrimônio cultural de uma região com forte potencial turístico nem sempre se resume ao que é visível e material. Verifica-se hoje, por exemplo, na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, a presença de certas formas arcaicas de literatura oral cuja origem remonta à Europa durante a Idade Média. Existem canções populares que foram preservadas em língua estrangeira – principalmente em dialeto vêneta - pela memória coletiva durante mais de um século, desde a chegada dos imigrantes italianos à região a partir de 1875. O turista que percorrer as estradas de chão batido, que ligam as diversas linhas e travessões as quais mantêm suas características iniciais de “colônias” de imigrantes, poderão conhecer corais familiares, cujo repertório é formado por uma série de canções muito antigas, trazidas pelos primeiros colonos no final do século XIX. Um dos casos de preservação mais instigantes é o da canção intitulada *Donna Lombarda*, cuja execução leva cerca de 15 minutos e que se conservou unicamente na oralidade. Essa canção pode ser encontrada em mais de uma localidade da zona de imigração italiana do Rio Grande do Sul e também noutros países que receberam imigrantes italianos entre o final do século XIX e início do século XX, como Canadá e Estados Unidos.

Presenciar a execução da canção narrativa *Donna Lombarda* talvez possa ser tão instigante para o turista quanto admirar a arquitetura colonial italiana ou degustar os vinhos e queijos produzidos artesanalmente. Os corais formados por famílias de camponeses que vivem na zona rural da RCI trazem na memória a literatura oral – cantos, lendas, provérbios -

que acompanhou os primeiros imigrantes em sua jornada da Itália para a América. Para Ribeiro (1999:90), a literatura oral - e nela inclui-se o canto - "agrupa signos verbais com características semelhantes às dos signos concretos da arquitetura: são do domínio coletivo e têm uma forma cristalizada, o que os aproxima do caráter de 'monumentos'." Assim, a marca do imigrante italiano facilmente reconhecida nas construções típicas do município de Antônio Prado, já tombadas enquanto patrimônio cultural, repete-se noutros bens que não aqueles de pedra, madeira e bronze.

2. As tradições inventadas e o artificialismo cultural

Aproximar o turista desse patrimônio requer uma série de medidas a fim de não descaracterizar a cultura que para o morador da RCI tem um forte valor de atribuição de identidade e de resgate das origens. Barretto (2001:48) reconhece que “a busca dos elementos característicos e diferenciais de cada cultura aparece como necessidade de mercado, a cultura autóctone é a matéria-prima para a criação de um produto turístico comercializável e competitivo internacionalmente”. Explorar a cultura popular de imigração italiana da RCI como um produto diferenciado no turismo do Mercosul pode trazer efeitos devastadores para os que vivem esse patrimônio cultural enquanto um legado de seus antepassados. Transformar suas canções, suas lendas, suas danças, seus rituais em artigos de exploração comercial leva à perda de seu significado. Com a ruptura das relações simbólicas da cultura popular, perde-se a identidade: o camponês descendente de imigrantes italianos deixa de se reconhecer enquanto tal, passa a transitar por outras culturas, a usar máscaras e a assimilar hábitos que não são os seus. O que antes era culturalmente legítimo, preservado na tradição, transforma-se em produto para as massas, perdendo seu significado.

De acordo com Bruno Pianta (1982:13-14) o termo “popular” costuma ser empregado em dois grandes sentidos: (a) tudo o que é difundido em massa; (b) tudo o que remonta a comportamentos, fenômenos culturais, relacionados a camponeses, operários e artesãos. Nessa segunda acepção, “popular” seria uma antítese a “culto”, sem a carga pejorativa que o antônimo “inculto” carrega, nem as características de massificação cultural do sentido exposto em (a). É interessante observar que nos países de língua inglesa não ocorre este problema de nomenclatura. Nos Estados Unidos, por exemplo, os bens culturais de massa são designados pelo termo *pop*, abreviatura de *popular*. Já a cultura popular mantida e difundida pela

tradição, relacionada ao que Pianta chama de “sociedade de base”, é designada pelo termo *folk*.², que por sua vez está na raiz da palavra *folklore*, ou “sabedoria do povo”. Esse termo foi cunhado pelo britânico William John Thoms em 1856, quando em carta endereçada à revista *The Atheneum* propunha o uso da palavra *Folk-Lore* para denominar o crescente interesse dos românticos em relação à literatura popular e ao que chamavam de “antiguidades populares”.

Para que mantenha os traços peculiares deixados pela imigração italiana do século XIX, a RCI precisa abster-se de alimentar uma suposta cultura da italianidade, criada a partir de estereótipos que tanto figuram na *Little Italy* de Nova Iorque quanto nas pizzarias da cidade de São Paulo. Certamente, certas expressões da língua italiana e recursos iconográficos como a toalha xadrez dos restaurantes italianos já figuram no universo do *pop*. No entanto, a cultura popular da imigração italiana que se inscreve como um patrimônio cultural da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul não reside na produção em larga escala, muito menos em sua comercialização. Ela é mantida pelos camponeses, descendentes dos primeiros imigrantes italianos, em suas pequenas propriedades rurais, muito longe dos holofotes da mídia. Não se trata de uma cultura artificial, sem sentido nem função para o ator social, como o que presenciamos freqüentemente em cantinas, restaurantes e feiras. Trata-se, antes disso, das raízes preservadas dos antepassados por meio da tradição. Os corais familiares, como o formado pelas *Sorelle Bianchi*, do município de São Marcos, não numa performance arranjada e ensaiada”: cantam para si mesmas, para resgatar suas origens, para seu entretenimento e por isso conservam o simbolismo e a beleza de que o canto se reveste enquanto legítima arte.

O visitante que presenciar a execução de um canto acaba desvendando o povo, presenciando os verdadeiros contornos de uma região, sem a interferência do artificialismo imposto pelas tradições inventadas. A invenção de uma tradição acontece quando, numa acepção de Hobsbawn (1984:14), práticas tradicionais existentes – como o canto popular, as danças típicas, a vindima – são modificados, ritualizados e institucionalizados para servir a

² Pianta (1982:14) faz uma série de comparações para ilustrar a distinção entre pop e folk, como no seguinte trecho de sua obra *Cultura Popolare*: “Perciò in inglese (a differenza che in italiano, in cui la bivalenza del termine è fonte di continue ambiguità) è molto difficile la confusione dei termini: una vecchia balata che cantano i pastori è una ‘folk song’ (canzone popolare); il rock and roll è invece ‘popular song’ (in italiano, ancora, canzone popolare). Un tappeto intessuto a mano da un montanaro, e decorato con motive grafici e colori tradizionali, è ‘folk-craft’ (artigianato popolare) e folk art (arte popolare), mentre invece il poster psichedelico è ‘popular art’. (Molto spesso popular viene abbreviato in pop, con tutte le note applicazioni del termine: pop art, por music ecc.)”

novos propósitos. A Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul vive hoje uma fase de descaracterização de sua cultura popular para que se torne uma espécie de parque temático da imigração italiana. Nada mais falso e grotesco, por exemplo, que uma canção popular da imigração maquiada e remodelada por um grupo vocal folclórico, a fim de servir como atração turística. Segundo Barretto (2001:75), a banalização de rituais e costumes, bem como a adaptação da história ao gosto dos turistas têm sido alvo de fortes críticas por parte dos antropólogos, que não deixam de ter razão.

Uma canção que se reveste de todo um universo simbólico, que tem para o camponês uma função específica, seja de integração, seja de resgate da memória, torna-se invariavelmente um produto comercial nas mãos de pessoas mal-informadas e mal-intencionadas. Essas manifestações folclóricas descontextualizadas, representadas nos pontos turísticos convencionais, já capitalizados pela indústria do turismo, acabam encobrendo as legítimas manifestações culturais que abrigam a verdadeira tradição da imigração italiana. Esse processo de industrialização da cultura muitas vezes acontece sob o falso clamor de resgate, de valorização e de proteção do patrimônio cultural face à aculturação. Pellegrini Filho (2000:131) afirma que “essa proteção pode provocar o perigo de cristalizar artificialmente essas manifestações, dando-lhes uma sobrevida que lhes rouba o valor funcional e lhes esvazia o significado. Com o tempo, os bens culturais legítimos que sustentam a RCI enquanto espaço cultural diferenciado desapareceriam, restando apenas um espaço quase que esterilizado, como um imenso shopping-center ou um aeroporto internacional, iguais e assépticos em todos os cantos do mundo.

3. O redirecionamento do olhar

O que se propõe neste estudo é uma mudança no enfoque turístico empregado na região atualmente. É necessário redirecionar o olhar do turista para a cultura popular, para o camponês, para que haja uma real experiência de troca cultural e de conhecimento da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul através dos bens simbólicos de matriz tradicional. Prandi (1997:166) traz a etimologia da palavra tradição: “Tradição – de *traditio*, ‘consignação’, segundo Cícero, ‘ensinamento’, segundo Quintiliano, ‘narração, segundo Tácito – implica em todo o caso um invariante: a passagem de um conjunto de dados culturais (em sentido antropológico) de um antecedente a um conseqüente que podem configurar-se

como famílias, grupos, gerações, classes ou sociedades”. No caso do cancionero popular da imigração italiana, os cantos foram transmitidos, segundo evidências, geralmente no círculo familiar, entre os parentes de primeiro ou até de segundo grau, sempre oralmente e preservados como um bem cultural da tradição.

É interessante investigarmos o conceito de tradição enquanto “consignação”: consignar é confiar um bem a alguém. Partilhamos a posse deste bem, não o entregamos gratuitamente. Por isso, a tradição não pode ser confundida com herança, algo que recebemos como mera doação ou transmissão de valores. O que recebemos por meio da tradição vai além disso: envolve um pacto e um registro. O turista que estiver numa propriedade rural desfrutando da hospitalidade de uma família de descendentes de imigrantes italianos poderá conhecer realmente a força que move esse povo. A região e suas especificidades não residem numa cantina, com toalha xadrez sobre as mesas, vinhos e queijos produzidos em larga escala.

A cultura regional reside naquele momento em que o turista faz um pacto com o colono, come à sua mesa, escuta suas canções, ouve suas histórias, vê o mundo com os olhos do povo que impregnou esta terra com um modo particular de ser, de viver, de produzir e de interpretar o mundo. As canções dos primeiros colonos são bens simbólicos que resistiram ao século XX com todas as suas transformações e hoje da arte se tornam patrimônio cultural. Alan Lomax (1968:4-6), um importante etnomusicólogo americano, concluiu em seus estudos que o canto popular é o depositário das experiências de séculos da humanidade. Segundo ele, um verso pode evocar toda uma época, pois se a palavra escrita preserva o conhecimento no tempo e o propaga no espaço, a estrutura simbólica da música e da arte é capaz de preservar e de expandir entre as gerações um estilo de vida. Quando os imigrantes europeus atravessaram o Oceano Atlântico no século XIX em busca de uma nova vida na América, trouxeram na bagagem todo um repertório cultural que se propagou no Novo Mundo e encontra-se até hoje preservado em certos lugares por meio da oralidade. Se partirmos do pressuposto de que o canto é um indicador cultural depositário de símbolos significativos para a comunidade que o preserva, o turista é capaz de entrar em contato com a simbologia de que se revestem os cantos populares para melhor compreender as marcas deixadas pelos imigrantes e desvendar as particularidades da cultura atual.

No estudo da cultura manifesta na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, a interpretação do canto popular da imigração italiana tem o papel de mediador entre duas épocas distintas, entre o passado e o presente, entre sonhos desfeitos e realidades construídas.

Acima de tudo, ao interpretar o significado da resistência desses cantos ao longo de mais de um século podem-se encontrar respostas para a afirmação de uma identidade ainda bem marcada entre os descendentes dos primeiros colonos e freqüentemente auto-atribuída. Na tecitura do espaço regional, o papel da cultura é dos mais significativos tanto para o estabelecimento de fronteiras, quanto para a atribuição da identidade de um povo.

Os primeiros imigrantes italianos que se estabeleceram na RCI procuraram adaptar o território para que este se tornasse um simulacro da terra natal. Há nisso a necessidade de manter um laço social, que pode ocorrer, como expôs Zumthor (1993:67) em seus estudos sobre a literatural oral na Idade Média, através das vozes de homens e mulheres que sustentam e nutrem o imaginário, confirmam e divulgam mitos e símbolos com a mesma autoridade das vozes oficiais do poder judiciário e do clero. Temos assim, hoje, nas vozes dos descendentes dos primeiros colonos, o eco de seus antepassados, a identidade de um povo que pode ser compreendida e confrontada pelo turista que entrar em contato com esse patrimônio cultural. Definir os contornos desta identidade perpassa, necessariamente, pelo estudo da literatura oral e do canto, sendo este último uma mensagem elaborada performática e artisticamente. De acordo com Zumthor (1993:142), "na medida mesma em que o intérprete empenha assim a totalidade de sua presença com a mensagem poética sua voz traz o testemunho indubitável da unidade comum." Ouvir uma canção do repertório do cancioneiro popular da imigração italiana é entrar em contato com um universo único de hábitos e costumes, crenças e símbolos. Nesse momento, tal como a visão dos vinhedos e a degustação da gastronomia, tão apreciados pelos turistas que visitam a região, há o contato com uma experiência impactante na relação com o "outro".

O cancioneiro popular, segundo evidências contidas em extensa bibliografia sobre o canto e o folclore regionais, é um bem cultural preservado enquanto depositário dos mitos, valores e anseios dos imigrantes e de seus descendentes. No canto preserva-se muito mais que melodias antigas e poemas de autoria desconhecida: temos em cada canção a possibilidade de reconhecer as sutilezas que mantém um povo unido em torno de um mito de origem, que por sua vez sustenta todo um universo simbólico o qual interfere de modo decisivo nos rumos dessa sociedade. Zumthor (1993:141) afirma que na oralidade temos "a perfeita voz da memória" que tem como fim último "evitar rupturas irremissíveis, o despedaçamento de uma unidade tão frágil".

O estudo do cancionero popular pode levar à sua validação enquanto importante fonte de pesquisas sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul e do fenômeno da imigração como um todo, e também enquanto patrimônio cultural da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. O cancionero, como representante legítimo da cultura popular, ou seja, da cultura do camponês, resguarda os modos de ser e de fazer toda uma época, toda uma realidade já extinta na Europa, mas que nas pequenas propriedades rurais da RCI ainda é preservada. Diante dessa peculiaridade, compreende-se a razão do alto potencial turístico que se procura atribuir à cultura popular e à audição dos cantos de imigração italiana. Bauer (2002:376) afirma que a "tradição oral do canto popular está entretecida com o contexto local e toma sua forma, energia e valorização a partir da situação onde nasce, e desse modo reflete essas condições de maneira muito próxima." Os descendentes de italianos que vivem na RCI reproduzem através dos cantos muito da esfera mítica que envolvia seus antepassados ao chegar a uma terra estrangeira em busca do paraíso.

Sabe-se que hoje se faz necessária a criação de novas teorias sobre a diáspora italiana, uma vez que antigas concepções parecem não mais dar conta de todo o universo simbólico desta travessia. O mesmo deve ocorrer com os rumos que se têm dado ao potencial turístico da região. Não há necessidade de tornar a cultura regional algo cristalizado, aos moldes de uma atração de parque temático ao estilo do Epcot Center, dentro do complexo Disneyworld da Flórida. Não precisamos de pessoas treinadas e ensaiadas para posarem de "colonos", vendendo uma imagem que não lhes pertence. Deve-se aproveitar o que já temos de riqueza patrimonial na cultura simbólica e no que restou da cultura material na zona rural e explorá-la adequadamente, permitindo que o turista configure novos significados para sua própria existência a partir da vida do camponês em sua pequena propriedade rural. Woodward (2000:17) explica que "é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos". Assim, temos traços identitários simbolizados em manifestações culturais como o canto, espécie de patrimônio cultural transmitido, ensinado por meio da tradição, que hoje encontra-se inserido no conjunto das práticas e modos de viver e de desvendar o mundo por parte do povo. O cancionero popular da imigração italiana é um desses traços distintivos que sustentam uma identidade em oposição a outras, constituindo uma espécie de tesouro que só pode ser desfrutado por aqueles que partilham a mesma história, a mesma tradição, as mesmas práticas culturais. O turista pode chegar à região enquanto um convidado a essa celebração de um povo camponês, que

atravessou um oceano com todo um repertório cultural legado a seus filhos, netos e bisnetos que, devido às suas origens, possuem um modo todo especial de se relacionar com o mundo e de interpretá-lo.

Existe uma tendência do turismo em voltar-se para as regiões e suas particularidades graças à nova articulação entre o regional e o global promovida pelo processo de mundialização da cultura e do mercado. Stuart Hall (2001:77) sugere que “há juntamente com o impacto do *global*, um novo interesse pelo *local*”. A Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul tem servido como palco dessa reorganização dos interesses culturais e econômicos tanto em direção a um mundo sem fronteiras quanto em relação à resistência cultural. Pozenato (2001:592) afirma que uma região é melhor entendida como um "feixe de relações, a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância." A literatura oral pode se inscrever como uma dessas relações que precisa ser melhor decodificada no emaranhado simbólico que permite há mais de um século a permanência dos cantos, só para citar um tipo de manifestação cultural simbólica que circula na RCI.

Depreende-se, por meio das evidências apresentadas anteriormente, que uma região pode ser reconhecida e diferenciada por um tipo de produção agrícola ou industrial, ou ainda por um determinado estilo de construir casas. Uma região pode ser delimitada por vozes que cantam e unificam dialetos. Vozes que há mais de um século mantêm o elo entre os imigrantes italianos e seus descendentes. Vozes que ainda cantam numa língua quase esquecida sobre mulheres e seus amores, sobre alegrias e tristezas, sobre trabalho e momentos de lazer, sobre fé e pecado. O profissional de turismo deve buscar nessas vozes um modo de articular dois mundos distintos – o do visitante e o do descendente de imigrantes – a fim de ampliar ao máximo a experiência única de se conhecer o outro e de se reconhecer nele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Zuleika M. F. *O Brasil Italiano (1880-1999)*. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papirus, 2001.
- BAUER, Martin W. *Análise de ruído e música como dados sociais*. IN: BAUER, Martin W; GASKELL, George (org). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DR&A, 2001

- HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. IN: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LOMAX, Alan. *Folk song style and culture*. Washington D. C.: American Association for Advancement of Science, 1968.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Papirus, 2000.
- PIANTA, Bruno. *Cultura popolare*. Milano: Garzanti, 1982.
- POZENATO, José Clemente. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. In: FELTES, Heloísa P. M.; ZILLES, Urbano (org). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PRANDI, Carlo. *Tradições*. IN: ENCICLOPÉDIA EINAUDI, Vol. 36. *Vida/Morte, Tradições-Gerações*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.
- RIBEIRO, Cleodes M. P. J. *Região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul: imigração e antropologia*. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz (org). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença – As perspectivas dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz - a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993